

“Que o homem retorne ao senso religioso”

por **Julián Carrón***

“Um mundo em tão rápida transformação pede aos cristãos que estejam disponíveis a procurar formas ou modos para comunicar com uma linguagem compreensível a perene novidade do cristianismo”. Estas palavras do Papa Francisco descrevem a postura do então Arcebispo Montini tão logo chegou à Diocese de Milão: uma profunda atenção à situação do homem, consciente de que “o homem moderno está perdendo o senso religioso” e de que “é preciso uma reabilitação racional do senso religioso” (1957) para que a fé seja uma resposta pertinente às exigências da vida. Nos mesmos anos, Dom Giussani tinha percebido nos jovens estudantes do liceu este desaparecimento de uma religiosidade autêntica e, por isso, escreve, na esteira de Montini, *O senso religioso* (1957), para mostrar a razoabilidade da fé diante dos desafios da cultura laicista da época.

Na sua encíclica, *Ecclesiam Suam* (1964), Paulo VI descreveu como realizar esta tarefa: “Se a Igreja adquirir uma mais clara consciência de si”, poderá “escutar a voz, aliás, o coração do homem; compreendê-lo, e, na medida do possível, respeitá-lo, e onde o merecer, apoiá-lo. [...] O nosso diálogo não pode ser fraco se comparado ao compromisso com a nossa fé”. Provocado por estas palavras, Dom Giussani, poucos meses mais tarde, escreveu que “o diálogo implica uma abertura para o outro, mas implica também uma maturidade de mim mesmo, uma consciência crítica daquilo que sou”.

Dom Giussani compartilhava com Paulo VI a percepção do desafio que representava para a Igreja a situação do homem contemporâneo, em “um mundo em profunda transformação, no qual um tão grande número de certezas foram contestadas ou colocadas em discussão”, portanto, do ponto a partir do qual recomeçar. Durante aquele que Bento XVI definiu como um “corte histórico”, o Maio de 1968, a resposta foi comum. Dom Giussani gostava de repetir uma frase do Papa que, diante desse colapso, respondia com a humilde certeza de uma Presença fonte de humanidade verdadeira e de esperança: “Onde está o ‘Povo de Deus’, do qual tanto se falou, e ainda se fala, onde está esta ‘entidade étnica *sui generis*’? Como está unido? Como é caracterizado? Como é organizado? Como exerce a sua missão ideal e tonificante na sociedade na qual está imerso? Sabemos bem que o povo de Deus tem, agora, historicamente, um nome familiar a todos: é a Igreja” (1975).

E na *Evangelii Nuntiandi* (1975) reitera o método da missão como o único adequado para responder às perguntas do homem: “A Boa Nova deve ser, em primeiro lugar, proclamada mediante o testemunho” dos cristãos, que “fazem nascer, no coração daqueles que os veem viver, perguntas irresistíveis: por que são assim? Por que vivem desse modo?”. Surpreende a sintonia com Papa Francisco: “A Igreja não cresce por proselitismo, mas por atração”.

Dom Giussani sempre recordou com gratidão a lealdade humana e a orientação iluminada, primeiro do Arcebispo Montini e depois do Papa Paulo VI, diante do bem que via acontecer na Igreja, por exemplo permitindo o início da sua tentativa educativa entre os jovens de Milão e, depois, acompanhando o desenvolvimento do Movimento, até chegar às palavras que Paulo VI lhe disse na Praça São Pedro, no dia 23 de março de 1975: “Coragem, esta é a estrada”, convidando-o a prosseguir, como já havia feito na metade dos anos 1950.

Por tudo isso, como não sentir toda a gratidão pela nossa Mãe Igreja que reconhece a grandeza do testemunho de Paulo VI a Cristo, o Único que assume tudo da nossa humanidade?

**presidente da Fraternidade de Comunhão e Libertação.*